

Reencarnação ou Pluralidade das Existências

Campos Vergal



CAMPOS VERGAL
REENCARNAÇÃO OU PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS

Compilação: Irmãos W. e Ery Lopes
Formatação: Alexandre R. Distefano
Brasil - 1936

Versão digitalizada:
© 2022

Distribuição gratuita:
Portal Luz Espírita
Autores Espíritas Clássicos





Romeu Campos Vergal (1903 - 1980)

No cenário espiritual brasileiro, a figura marcante do professor Romeu de Campos Vergal merece uma referência especial, principalmente em vista de ter sido um propagador das obras de Allan Kardec. Deve-se a ele a oportunidade ímpar que os paulistas tiveram de verem ampliados novos ângulos da jovem Doutrina. Com eloquência e brilho, abordava as aflições que acometem os humanos e também a sempre momentosa questão da sobrevivência da alma em seu laborioso processo evolutivo. A magnífica oratória de Campos Vergal atraiu a admiração de muitos pensadores da época.

Nascido no município de Serra Negra, Estado de São Paulo, no dia 2 de maio de 1903, era filho do coronel Constantino Vergal e de Mariana Ferraz de Campos Vergal. Iniciou seus estudos na cidade onde nasceu, e, em seguida, transferiu-se para São Paulo, onde completou seu aprimoramento, fazendo os cursos secundário, de admissão ao magistério e de jornalismo,

tornando-se lídimo profissional dessas duas últimas categorias. Tornou-se ainda escrevente juramentado de cartório, tendo exercido essa atividade até a data de sua aposentadoria.

Campos Vergal contribuiu com inteligência privilegiada em favor das causas populares, firmando-se como figura respeitável e bastante acatada nos círculos políticos e nas altas rodas sociais. Homem de elevado aconturamento e dotado de apreciável grau de humildade, jamais deixou que as glórias do mundo ofuscassem seu desvelado amor pelos pequeninos e desajustados da Terra.

Ainda bastante jovem ingressou no Espiritismo após ter lido as obras de Allan Kardec e Léon Denis, tomando parte efetiva, no ano de 1936, na fundação da União da Mocidade Espírita de São Paulo. Nas décadas de 1930 a 1950 tornou-se um dos mais destacados e requisitados oradores espíritas, tendo a oportunidade de ocupar a tribuna de centenas de instituições espíritas nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná, tendo também participação ativa na fundação de muitas dessas entidades.

No campo da imprensa espírita fez sua estreia no ano de 1937, no tradicional órgão “A Aliança”, de São Paulo, dirigido pelo Prof. Sebastião Maggi da Fonseca. Militou nos quadros diretivos da União Federativa Espírita Paulista, tornando-se em 1941 o Diretor-Presidente da Sociedade de Rádio Piratininga, PRH-3, a qual lançava ao ar diariamente o “Programa Radiofônico Espírita Evangélico do Brasil”.

Foi deputado estadual (1935 a 1937) no Estado de São Paulo e deputado federal em várias legislaturas, no período de 1946 a 1970, tendo iniciado persistente trabalho com vistas às reformas sociais que se tornavam imprescindíveis na época. Pertenceu ao quadro do extinto Partido Socialista, porém, posteriormente, ingressou no Partido Social Progressista. Como representante desse Partido, exerceu a liderança na Câmara dos Deputados, no período de 1946 a 1950. Era portador de elevado número de títulos honoríficos e comendas. Foi membro honorário e era portador de diploma de honra ao mérito da Academia de Letras do Rio de Janeiro. Foi presidente do Banco Agroindustrial de São Paulo, patrono dos tesoureiros e auxiliares de tesoureiros da Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional de São Paulo. Foi o autor do conhecido Projeto Campos Vergal, que preconizava a instituição da Cadeira de Parapsicologia nas

Universidades, com o objetivo de propiciar o estudo dos fenômenos extrassensoriais.

Dotado de infatigável disposição para o trabalho, dedicava-se integralmente a seus afazeres, com entusiasmo inusitado. A sua formação moral era das mais rígidas. Foi um político na verdadeira acepção da palavra, mantendo-se sempre dentro da mais estrita honestidade e probidade. Tanto na União Federativa como na extinta Rádio Piratininga, desenvolveu incessante campanha em prol da divulgação da Doutrina dos Espíritos, semeando em solo brasileiro as sementes do Evangelho de Jesus, à luz da Terceira Revelação, atuando ao lado de grandes vultos espíritas do passado, dentre eles Pedro de Camargo (Vinícius), Benedito Godoy Paiva, Antenor Ramos, Caetano Mero e outros.

De sua bibliografia destacamos: “Reencarnação ou Pluralidade das Existências”, “Levanta-te e Caminha” e “Bandeirantes da Imortalidade”, obras essas de cunho espírita, entretanto, foi também autor dos livros “Ubururetama” e “O Conde de La Rose”, ambos coletâneas de contos, o primeiro de fundo indianista e o segundo de caráter histórico. Enfatizava temas que versassem sobre a fé e a esperança, salientava a necessidade da prática do amor ao próximo e a importância da prática da caridade. Possuidor de notável poder persuasivo, conseguiu atrair muitos adeptos ao Espiritismo. Diversas Casas Assistenciais em São Paulo Minas Gerais e no Rio Grande do Sul têm o seu nome.

No ano de 1977, já bastante enfermo e quase sem poder locomover-se, tomou parte na solenidade comemorativa do 40º aniversário de fundação do “Centro Espírita Deus e Caridade”, de São Paulo, dando uma inequívoca demonstração do seu acendrado amor à Doutrina. O professor Romeu de Campos Vergal passou seus últimos anos de existência terrena entre seus livros, sempre ativo e interessado em tudo. Homem de grande cultura e dotado de apreciável grau de humildade, jamais deixou que as glórias do mundo ofuscassem o seu desvelado amor pelos pequenos e desditosos da Terra. Extraordinário seareiro, o professor Romeu de Campos Vergal foi um zeloso cultor da Doutrina codificada por Allan Kardec, que muito lhe deve, pelo seu incomparável esforço em favor da divulgação dos seus postulados em terras brasileiras. De todos os numerosos títulos que recebeu em vida, o que mais prezava era: de espírita cristão, pois ele considerava o Espiritismo como autêntica mensagem do Céu à Terra uma

doutrina dinâmica, suscetível de equacionar os milenares e angustiantes problemas que assolam a humanidade. O seu gesto teve elevada repercussão entre todos os participantes da reunião, que tiveram a oportunidade de ouvi-lo. Até a sua desencarnação, no dia 23 de julho de 1980, em Serra Negra, sua cidade natal, Campos Vergal desempenhou com muita dificuldade, mas de modo eficiente, a sua grandiosa tarefa missionária.

Maria Ap. Romano, do jornal *O Semeador*.

Conteúdo resumido

Esta obra monumental enfoca através de pinceladas a reencarnação na história dos povos antigos até no período atual. Na reencarnação ou pluralidade das existências o espírito humano inicia a série de suas reencarnações que são desprovidos de discernimento ou consciência, partindo daí para o futuro espiritual, numa ascensão lenta e firme.

O espírito é um viajante do infinito ou o divino viajor que, aos poucos, mercê das experiências que vai colhendo no rio da vida, desabrocha em si mesmo todas as possibilidades e potencialidades que estão embrionárias e latentes.

Sumário

- I - Algumas opiniões de pessoas notáveis sobre a Reencarnação — pág. 09
- II - Reencarnação ou Pluralidade das Existências — pág. 11
- III - Virgílio e o Rio Lethes — pág. 12
- IV - No Egito Antigo — pág. 14
- V - Na Velha Índia — pág. 16
- VI - Na Pátria de Sócrates — pág. 18
- VII - O Imortal Florentino — pág. 20
- VIII - Entre Chateaubriand e Pascal — pág. 21
- IX - Crianças Prodígios — pág. 23
- X - O Gênio e a Hereditariedade — pág. 24
- XI - Olavo Bilac e Múcio Teixeira — pág. 27
- XII - A Igreja Primitiva e a Reencarnação — pág. 30
- XIII - Na França — pág. 31
- XIV - O Estado e um Comentário Reencarnacionista — pág. 35
- XV - Provas Científicas da Pluralidade das Existências — pág. 37
- XVI - A Morte da Morte — pág. 43

I

Algumas opiniões de pessoas notáveis relativos a reencarnação

"Uma lei de evolução do Ser que, através das etapas indefinidas do seu futuro, acaba por atingir consciência pessoal e perfeita."

Dr. Innocenzo Calderone
Diretor de "Filosofia della Scienza"

*

"Certamente que a reencarnação terá consequências morais incalculáveis, segundo o maior ou menor bem das vidas anteriores."

C. O. Zuretti
Professor na Universidade de Palermo

*

"A reencarnação será o restabelecimento de um paraíso e de um inferno, não mais transcendentais, mas imanentes. Será o triunfo do mérito e da virtude pelo efeito da ação."

A. Ferrière
Professor na Universidade de Genebra

*

"O valor moral e social da doutrina da reencarnação ressalta, da maneira mais clara e mais o porque a justiça existe e tudo o que fazeis têm valor para o futuro."

Pierre Cornillier
Autor de "La survivance de l'âme"

*

"Com a reencarnação o homem é um ser nobre, imortal, evoluindo para um fim divinamente glorioso. Sem ela é apenas um pedaço de palha, arrastado pela corrente das circunstâncias do acaso, irresponsáveis pelo

seu caráter, por suas ações, por seu destino. Com ela pode encarar o futuro, cheio de promissoras esperanças, por mais humilde que seja hoje o seu lugar na evolução; porque esta é a escada que conduz á divindade, e a conquista do vértice é apenas uma questão de tempo. Excluindo a reencarnação do número das suas crenças, o mundo moderno arrebatou a Deus a sua justiça e ao homem a sua esperança.”

Dra. Annie W. Besant Autora de diversos e notáveis livros, entre os quais o “A Sabedoria Antiga.”

II

Reencarnação ou Pluralidade das Existências

Ainda não encontrei uma teoria mais clara e lógica, nem mais consoladora e justa, do que o principio da reencarnação. Não se pretenda dizer que é a criação de Allan Kardec, o sublime codificador do Espiritismo. E' uma doutrina tão antiga como antigos são os erros humanos. Para onde quer que seja, que lancemos o olhar e aprofundemos o espírito de investigação, ai se nos depara o admirável ensinamento: nascer, viver, morrer, renascer ainda.

Podemos assegurar que a idéia da pluralidade das existências foi sempre o farol orientador de toda a Antiguidade espiritualizada. Nunca se eclipsou em qualquer religião. Hoje, ela ressurgue mais vigorosa do que nunca, defendida por três tradições respeitáveis: a cabalística, originada do Egito e transmitida até nós pelos pitagóricos, neoplatonicos e gnósticos da Alexandria; a budista, fundada por Gautama Buda, no séc. 5.º A.C., repousando toda a moral do budismo na lei do Karma ou ação, segundo a qual ninguém se livrará do Sansara, roda das reencarnações, enquanto não for homem perfeito; e a revelação moderna do Espiritismo, tornada pública pelo grandioso amigo da humanidade: Hippolyte Léon Denizard Rivail (Allan Kardec).

III

Virgílio e o Rio Lethes

Na história dos imortais helenos, a reencarnação brota espontaneamente na Literatura mais selecionada. Vejamos, por exemplo, a "Nova Mitologia Grego-Romana" de P. Commelin, quando disserta relativamente ao Rio Lethes: "Depois de um grande número de séculos passados nos infernos, as almas dos justos e as dos maus, que tinham expiado os seus crimes, aspiravam a uma vida nova, e obtinham o favor de voltar á terra, habitar um corpo e associar-se ao seu destino. Mas, antes de sair das moradas infernais, deviam perder a lembrança de sua vida anterior, e para consegui-lo bebiam as águas do Lethes, rio do Esquecimento. Á porta do Tártaro, que dava para esse rio oposta á que abria sobre o Coccyto. Ai, almas puras, sutis e leves, bebiam com avidez essas águas, cuja propriedade era de apagar da memória todo o vestígio do passado, ou de apenas vagas e obscuras reminiscências. Aptas então para reentrar na vida e a sofrer-lhe as provações; as almas eram chamadas pelos deuses a tomar nova encarnação".

Ora, para os indivíduos de espírito liberto nem tudo na mitologia é fabula, e fantasia. Quantas e quantas revelações magníficas, ensinamentos portentosos ai se encontram, simbolicamente disfarçados em produções imaginativas. - Secundo o simbolismo do Lethes, encontramos Virgílio, o imortal autor da "Eneida" em seu cap. 6, o seguinte trecho reafirmativa do ensino espírita em questão: "Todavia, Enéas avista um canto do vale um bosquezinho isolado; as águas do Lethes banhavam este lugar tranqüilo. Nas margens do rio volteava uma multidão de sombras de todas as nações do universo; assim, durante os belos dias de estio, as abelhas se espalhavam nos prados, descansam em diversas flores e voam em redor dos lírios; todo o campo ressoa do zumbido do enxame. Eneias, surpreendido, pergunta a seu pai qual é este rio, e porque todas estas sombras parecem tão apressadas na margem. "Estas almas, respondeu Anchises, devem animar novos corpos; é por isso que vêm em multidão ás margens deste rio, cujas águas, que a largos goles bebem, lhes fazer perder a lembrança do passado. Desde muito tempo, meu filho, desejo fazer-vos

conhecer aquelas almas que devem formar vossa gloriosa posteridade". Oh! meu pai, interrompeu Eneias, é crível que estas almas voltem á terra para animar uma segunda vez corpos mortais? Será possível que desejem com tanto ardor ver de novo a luz e que tenham tanto gosto para esta infeliz vida?"

A idéia da reencarnação está claramente exposta neste trabalho de Virgílio. Há outros ainda que se lhe assemelham, admitindo com naturalidade e como medida de justiça a palingenesia espiritual.

IV

No Egito Antigo

Marius Fontane, em "Les Egyptes", revela parte da filosofia da terra faraônica de 4.000 anos atrás:

"Antes de nascer, a criança viveu e a morte nada termina. A vida é um porvir; ela passa como os dias solares que recomeçam".

Não se diga, pois, que a pluralidade das existências é artifício manufaturado pelos espíritas, tidos e havidos como sonhadores...

Hermes Trismegisto, o Cristo dos remotos egípcios, fundou a uns 40.000 (1) anos o Hermetismo, cuja característica é a ciência ou poder sobre as forças ocultas. Atualmente restam da sua doutrina apenas fragmentos, mas as pirâmides, as ruínas dos templos e os labirintos, com suas paredes cobertas de instruções hieroglíficas, falam eloqüentemente da sua profundidade e da sua extensão. Em rolos de páginas que desafiam a obra destruidora do tempo se acham os remanescentes dos livros sagrados dos egípcios. Os misteriosos documentos podem ser consultados, as chaves, porém, da sua integral decifração desapareceram. Champollion e outros egiptólogos franceses e ingleses não foram ainda além do a b c da sabedoria secreta dos hieróglifos. De Trismegisto chega até nós esta interessante revelação:

"A pedra se converte em planta, a planta em animal, o animal em homem, o homem em espírito, o espírito em Deus".

(1) E inteiramente destituída de fundamento a opinião ate agora admitida e mantida pela Bíblia e pelas autoridades religiosas, segundo a qual o gênero humano não existe a mais de 7.000 anos. Contra esta crença absurda levanta-se a ciência geológica, a astronômica e a antropológica. Provemo-lo com alguns fatos:

a) Na Suécia, escavando-se um canal entre Stockholm e Gothenburg encontrou-se na camada mais profundo do solo um antro de pedra com pedaços de carvão vegetal. Estudando a interessante descoberta, os geólogos opinaram que o homem ali viver durante o período glacial. E o ultimo período glacial terminou, segundo os abalizados cálculos de J. Croll, há 80.000 anos.

b) Uma comissão geológica, escavando o delta do Nilo, entre 1851 e 1854, encontrou objetos manufaturados pelo homem e fragmentos de louça de barro, em uma profundidade de 70 pés. Segundo as explorações do senhor Girard, cinco polegadas de espessura do depósito de aluvião são formadas em 100 anos. Atingem: pois, a uns 16.000 anos aqueles trabalhos humanos, fossilizados.

Burmeister vai além: admite que o solo do baixo Egito eleva-se de três e meia polegadas por século e que, depois do aparecimento do homem neste país, foram depositados 200 pés de aluvião. Atribui ele, conseqüentemente, ao homem a antiguidade de 72.000 anos, naquela região!

Nada mais positivo de que a religião hermética só admitia a reencarnação no reino hominal? como também, em forma evolutiva e

espiritual, nos três outros: mineral, vegetal e animal. Os anti reencarnacionistas que meditem um pouco nestas considerações.

V

Na Velha Índia

Passemos a contemplar a antiqüíssima e sempre sonhadora Índia do nosso velho e querido amigo Ghandi: o Bramanismo ou Hinduismo foi fundado por Vyasa, cuja filosofia se acha vasada nos Vedas, nos Upanixadas e nos Puranas. Calcula-se que foi introduzida na Índia Antiga a uns 60.000 anos. Assim como a literatura sagrada dos Caldeus desapareceu da vista da posteridade profana, como tudo que dizia respeito a perdida Atlântida, também o Rig-Véda, o mais antigo exemplar da literatura Atyaria, permanece mudo ante os orientalistas, que não o compreenderam em seu espírito, porque não encontraram o código que o devia revelar. - Pois bem, brâmanes e budistas ainda conservam este ensinamento hinduísta, que vem atravessando gerações sobre gerações:

"A alma dorme na pedra, sonha na planta, move-se no animal e desperta no homem"

E' palpável a lição evolutiva do espírito através de todas as etapas nos diferentes reinos. - No Bhagavad Gita, o Evangelho da Índia, Krishna assim se exprime, numa eloqüente e indisfarçável doutrinação reencarnacionista:

"Eu e vós tivemos vários nascimentos. Os meus, são só conhecidos por mim; mas, vós não conheceis os vossos. Conquanto eu não seja mais, por minha natureza, sujeito a nascer e morrer, contudo, todas as vezes que a virtude declina no mundo e que o vilão e a injustiça exorbitam, então eu me torno visível e, assim, me mostro de era em era para a salvação do justo, o castigo do mau e o restabelecimento da virtude. - Tudo o que nos sucede neste mundo é a conseqüência dos atos anteriores. Somos o que pensamos, e os atos da presente existência amadurecem numa vida futura".

E essa mesma sabedoria antiga que nós acena com um contozinho gracioso, que põe em evidência a verdade palingenesica: uma lagarta, sentindo aproximar-se-lhe o entorpecimento que lhe anunciava o muito breve findar-se da sua existência rasteira, amargurada, convocou as suas amigas e lamentou: - "Quanto é triste pensar que a abandonar a vida, cheia de tantas promessas luminosas! Cortada, em pleno verdor da existência pela mão da medonha ceifados, a morte, sou um exemplo vivo da impiedade da Natureza. Eu me despedaço de vós para sempre. Amanhã não

existirei mais". - E acompanhada de lágrimas e soluços das que ficavam, encerrou-se no seu leito mortuário e expirou. Uma das lagartas mais velhas .. observou tristemente:

"- A nossa irmã nós deixou, e assim todas nós, uma após outra, iremos caindo sob a força grande destruidora, como a erva do campo se abaterá a passagem do alfange". - E, depois de prolongadas lamurias, separaram-se com profunda mágoa. - Ora, todos nós percebemos claramente a ironia desta historiazinha e rimo-nos da ignorância dessa lagarta que, não só continuava a viver sob outro aspecto, como evoluía para uma forma mais progredida. Todos os ocultistas (espíritas, teósofos; esoteristas, rosacruceiros) reconhecem na metamorfose da lagarta em crisálida e desta em borboleta, uma imagem muito oportuna da transformação que aguarda a todo o homem. A vida, todavia, persiste, enquanto a natureza elabora suas transmutações.

*

Quem não se dá ao trabalho de estudar uma causa, para depois emitir parecer sobre ela, não pode e deve ser tão leviano a ponto de criticar desfavoravelmente a Reencarnação, sem primeiro inteirar-se sensatamente de todos os argumentos com que ela, farta e elegantemente, se defende. Ao terminarmos as pesquisas que giram derredor da multiplicidade das existências, nas terras do Ganges e dos Hindus, chegamos a esta feliz conclusão: cada ser humano e seu absoluto legislador; dispensador das suas glórias e alegrias, como único forjador da própria obscuridade, fracasso e desdita. Cada indivíduo é o responsável pelo próprio destino. E o único operário na construção do edifício da sua vida.

VI

Na Pátria de Sócrates

Na velha e sempre gloriosa Grécia, boa parte dos filósofos não só aceitava a teoria palingenesica, como também a ensinava. Tragamos a baila o respeitável Pitágoras: este, desafiando a ironia dos seus contemporâneos dizia publicamente que se lembrava de ter sido Hermontino, Euphorbo e um Argonauta, respectivamente, em suas três ultimas existências. E Pitágoras, o poeta dos Versos Doirados, foi o mais filosofo todos os poetas seus contemporâneos. Nascido em Samos, o filosofo; que era também notável matemático, acentuava tanto a idéia das vidas sucessivas que, quando os seus alunos aprendiam este mistério e, dominados pelo entusiasmo imaginavam terem sido grandes tiranos ou monarcas célebres no passado, inquiriam do Mestre o que era ele, quando se julgavam tão poderosos; e o genial pensador respondia irônico: "Enquanto éreis tão poderosos e os homens tremiam sob a vossa autoridade, eu era um simples gallo".

Platão, o divino, fundador da Academia, a 427 A.C., não ocultava sua convicção reencarnacionista:

"O corpo é tumulo que arrastamos conosco, como o caracol arrasta a concha que o envolve. A ele nós unimos fatalmente em punição de algum delito. O corpo é casa de educação e correção. Scire est reminisci".

Continuemos a distender as asas do pensamento sobre o berço da filosofia, a terra que, mesmo sob o domínio draconiano de Roma e de Macedônia, continuava dominando o mundo pelo espírito, traçando diretrizes luminosas nas ciências, letras e artes. As lições das vidas sucessivas cantam o poema da imortalidade nas estrofes órficas. Era também crença de Sócrates, de Apolônio de Tiana, de Empédocles. Se não manifestaram publicamente, com todas as particularidades, a palingenesia espiritual, é porque o juramento iniciático não o permitia até certo ponto. E, todavia, afirmada em Fedra:

"E certo que os vivos nascem dos mortos e que as almas dos mortos tornam a nascer. No "Timeu" de Platão e em "Fédon":

"A alma é mais velha do que o corpo.

As almas renascem incessantemente do Hades, para tornarem a vida atual"

VII

O Imortal Florentino

Folheando as páginas da "Divina Comédia", o pesquisador paciente e imparcial deverá deter-se alguns versos maravilhosos do maravilhoso florentino que, além de artista imortal, possuía algo de sublime transcendentalismo. Estamos de acordo com Ozanam, notável escritor católico, quando reconhece que o traçado da "Divina Comédia" segue muito de perto as linhas mestras da iniciação antiga, modelada na doutrina dos renascimentos. Apreciem os adversários da teoria das vidas sucessivas a rutilância destas concepções:

*"Ma come danimal divegna fante,
Non vedi tu ancor: questo é tal punto,
Che piú sávio di te gia fece errante"
- Purg C. 25, V. 61*

Naturalmente que aquela época não comportava, segundo Dante, a idéia considerada impossível do animal transformar-se em homem selvagem.

Mais além, na estrofe que se inicia assim:

*"Anima fatta la virtude attiva,
Qual di uma pianta, in tanto difefferente,
Che quest' é vin e quella é gia arriva"*

O comentador apanhou muito bem o sentido do grande Alighieri: "L'uomo vive prima la vita delle piante, poi quella degli animali, poi la propria dell'uomo, che é la razionale". - Ora, está patentíssimo que o taciturno e fervoroso apaixonado de Beatrice, não só admitia a pluralidade das existências para os seres humanos, como também aceitava que o espírito do homem vem de muito longa viagem, atravessando, evolutivamente, os reinos da natureza: mineral, vegetal, animal. Concorda, pois, o imperecível vate, em gênero, número e caso, com os remotíssimos hindus e egípcios!

VIII

Entre Chateaubriand e Pascal

Chateaubriand, em seu admirável livro "Gênio do Cristianismo", assim se expressa: "Houve um homem que aos dois anos, com linhas e círculos criou a matemática; aos seis fez o mais sábios tratado de seções cônicas, que se viu desde a Antiguidade; aos dezenove reduziu a maquina uma ciência que existia, toda inteira, no entendimento; aos vinte e, três demonstrou os fenômenos do peso do ar e destruiu um dos grandes erros da física antiga, nessa idade em que os outros homens começam apenas a nascer, tendo acabado de correr o circulo dos conhecimentos humanos, aperfeiçoou do seu nada e voltou os seus pensamentos para a religião que, desde esse momento até sua morte, aos trinta e nove anos, sempre enfermo e sofrendo, ficou a língua em que falam Bossuet e Racine, deu o mais perfeito modelo bom humor, como do mais forte raciocínio; em que, no curto intervalo dos seus males, resolveu, por abstração, um dos mais altos problemas geometria e atirou no papel pensamentos que tanto de Deus, quanto do homem. Esse extraordinário gênio chamava-se Pascal".

Mas, não é só. Ouçamos um trecho musical "Les lois de la destinée" em que este homem portentoso é simplesmente magnífico em sua meditação: "O estudo das vidas anteriores de certos homens particularmente feridos revelou estranhos segredos. Aqui, uma tradição que causa uma carnificina, é punida, passados séculos, com uma vida dolorosa desde a infância e com uma enfermidade que traz a marca da sua origem: a mudez: - os lábios que trairão, já não podem falar; ali, um inquisidor torna á encarnação com um corpo doente desde a meninice para um meio familiar eminentemente hostil e com intuições nítidas de crueldade passada: - os sofrimentos psíquicos e morais mais agudos o acossam sem afrouxar". - Ora, seria muito interessante que os homens de bom senso meditassem no sentido verdadeiramente revelador destas linhas de Pascal!

Para nós, reencarnacionistas, um selvagem não pode evoluir numa só vida ao ponto de tornar-se um sábio, e o gênio, semelhante a Pascal, é fruto amadurecido em centenas e centenas de existências humanas, Tão somente a doutrina da multiplicidade das vidas é que está apta a explicar, de

maneira lisa e lógica, as aptidões encantadoras para as artes ou para as ciências que, sem havei-las aprendido, manifestam muitas crianças. E, pois, a palingenesia espiritual o único princípio que oferece fundamento para justificar fenômenos magníficos de crianças prodígios. Eis alguns:

Young, o descobridor da teoria ondulatória lia aos dois anos com muita facilidade; aos quatro havia lido duas vezes a Bíblia e, pouco mais tarde dominava as ciências matemáticas.

Sir William Hamilton conhecia treze línguas em sua infância e aos dezoito foi proclamado o melhor matemático da sua época.

Mozart tocava violino aos três anos e aos doze compôs sua primeira obra.

Lope de Vega escrevia versos aos cinco anos.

Henrique Mondeux, sem haver aprendido aritmética, resolvia aos oito anos, os mais difíceis problemas.

Giotto era um jovem pastor a quem Cimabue encontrou desenhando com tal perfeição, que o levou consigo e fez dele um dos maiores artistas da Itália.

Miguel Ângelo aos doze anos já era um magistral artista.

Balzac, aos oito anos, já compunha pequenas comédias e, aos quatorze, exclamava para os seus irmãos: "Vocês hão de ver. Hei de ser um grande homem!".

Napoleão aprendeu a ler antes dos cinco anos. Aos sete já organizava grupos de pequenos, com os quais simulava batalhas.

Wagner, aos seis anos, já havia lido a história de Mozart.

Carlyle aprendeu a ler antes dos cinco anos.

Alexandre Dumas, aos quatro anos, sabia ler e lia a História Natural de Buffon.

Walter Scott aprendeu a ler entre três e quatro anos. Antes dos doze já escrevia baladas.

Voltaire, educado por um padre, aprendeu a ler aos três anos.

Antes dos doze fazia versos com grande facilidade.

Goethe, aos sete anos, compunha versos em latim e, antes dos nove, fazia um poema, parte em latim, parte em grego e parte em alemão.

IX

Crianças Prodígios

Os psicólogos oficiais, por mais que investiguem e tentem explicar estes fatos, apresentam apenas hipóteses fisiológicas e falam de "causas despercebidas e influências obscuras". Não chegam nunca a uma explicação meridiana, racional. O que é o gênio? para nós, partidários da evolução através dos renascimentos, o gênio é o espírito que passou por muitas vidas e que acumulou os resultados de suas vividas experiências, até que enfim, atingiu o esplendor a que denominamos gênio. Conquistou esse título, que não é dádiva, nem presente, que lhe concederam, mas é mérito a que fez jus com seu sacrifício, sua tenacidade. E o salário exato que ganhou em existências de muita luta e fadiga. A reencarnação é a retribuição justa, absoluta.

X

O Gênio e a Hereditariedade

Estamos cansados de saber que o gênio não se transmite de pai para filho. O filho de gênio, lugar de o ser, demonstra sempre ter uma mentalidade um pouco inferior á comum. Se não fosse assim, teríamos inúmeros continuadores das glórias imortais, que pontilham de luz a história civilização, em todos os setores da atividade humana, máxima nas ciências e filosofias. Atualmente nenhum cientista avançado se aventuraria ao ridículo de assegurar que as qualidades morais e mentais dos progenitores podem ser transmitidas aos seus descendentes.

Se a hereditariedade pudesse produzir notabilidades, estas seriam em grande número. A simples observação nós mostra que os gênios tiveram ascendentes e descendentes de inteligência medíocre. Cristo, Sócrates, Platão eram de famílias obscuras. Bacon, Copérnico, Galvani, Kepler, Hume, Kant, Locke, Malebranche, Spinoza, Laplace, o nosso Ruy e tantos outros sábios saíram dos meios mais modestos, e não produziram um Bacon II, um Copérnico II, em inteligência e genialidade.

Todos conhecem a história do notável d'Alembert: enjeitado, encontraram-no na porta duma igreja, sendo criado pela mulher dum vidraceiro. Entretanto, poucos anos depois, tornava-se o grande colaborador de Diderot, dando um verdadeiro balanço no espírito humano, rasgando horizontes ás possibilidades da razão e do talento.

- E assim poderíamos ir muito longe, citando centenas de fatos demonstradores da inoperância da hereditariedade nas florescências intelectuais e espirituais, e verdadeiras culminâncias de ponderação, bom senso e sabedoria gerarem parvos ou medíocres, como Péricles a Parallas, Marco Aurélio a Cômodo, Germânico a Calígula!

*

Como admitir a criação especial duma alma para cada corpo?! Se não fosse verídico o principio reencarnacionista, que culpa teria o individuo A de, o terem feito mau, perverso ou criminoso? que fez o individuo B que foi favorecido com o talento, com a nobreza, com a virtude, se ele nada fez

para os merecer? Estaria Deus experimentando os indivíduos? Absurdo! Pois, então, Ele, Onipotente e Onisciente, precisa descer a categoria humana para fazer experiências? Nós sim, nós experimentamos mutuamente, porque somos deficientes, limitados, e, apesar da nossa ignorância, sabemos claramente até onde podem ir as forças dos nossos filhinhos. Nenhum pai mais branco que seja, admitiria a hipótese que um seu filho de poucos anos possa fazer trabalhos de homem adulto. - Não é só: como explicar as profundas diferenças entre os homens? Que culpa tem o santo, se o fizeram santo? Que culpa tem o corrompido, se nasceu degenerado? a quem criminar, se este homem é um leproso, arredado do convívio-social, apodrecendo em vida, caindo aos pedaços? acaso, não terá razões de sobra para ser um rebelado contra tudo e contra todos? a quem se deve então a injustiça de haverem feito este outro rico, bonito, inteligente e querido? - Por que esta moça é bela e desfruta as ternuras da sua família e os prazeres da vida, esta outra é paupérrima, feia e vai aos poucos se extinguindo com os acessos da tosse e com as hemoptises? - Unicamente a pluralidade das existências explica tudo satisfatoriamente!

Conta-se que quando os missionários cristãos se entregavam ao trabalho de converter aos japoneses, para lhes evitar a "perdição eterna", muitos destes respondiam: "Como creremos nós no que dizeis dos atributos da divindade? De duas, uma ou bem Deus não quis impedir o mal, ou bem não o ponde. Se não o quis, é porque não é soberanamente bom; se não o ponde é porque não é Todo Poderoso". Este raciocínio tão simples é irrefutável, mesmo que venham contra ele todas as subtilezas teológicas.

*

A idéia reencarnacionista, para ser bem assimilada e ter valor objetivo e construtivo, exige um desenvolvimento bastante grande da inteligência e do discernimento. Não podemos reproduzir o papel empírico, faquirico, do hindu, por exemplo, que se isola, na torre de marfim do seu individualismo e, fugindo á luta que se trava nas planícies, se desinteressa dos destinos do seu povo ou da humanidade. O fatalismo não tem pontos comuns com a teoria dos renascimentos. O reencarnacionista inteligente, que se integrou na doutrina, não pode ser lagoa de águas estagnadas, modorrentas, á espera que o ritmo universal empurre o carro da evolução; pelo contrario, deverá ser o rio de águas translúcidas, dinâmicas, sempre estuante e

produtivo. - O conhecimento da verdade da evolução espiritual através das vidas sucessivas realiza no ser humano a impavidez serena do lutador cômico do seu poder sobre as dificuldades que, porventura, se apresentam na gloriosa senda, da evolução, e não a crença cega e rotineira dos que pautam sua linha de conduta pelas contingências do meio em que vivem e pelas prerrogativas dos costumes efêmeros e preconceitos vãos.

XI

Olavo Bilac e Múcio Teixeira

Bilac, a expressão mais vigorosa da poesia nacional, não deixou de ser também um notável tribuno e um vibrante jornalista. Em seu cintilante espírito a idéia da pluralidade das vidas se aninhou perfeitamente, segundo deduzimos destas suas manifestações:

"Esta vida de hoje não é toda a vida: é uma das muitas vidas que formam as estações de parada da grande vida infindável. Nem sempre a águia a de ser águia, boiando na luz solar; nem sempre o porco a de ser porco, mergulhado no lodo. O que hoje vês parece desgraça é apenas o resultado do vosso erro e do vosso desatino". (Ironia e Piedade, cap. Ressurreição).

Num dos seus magistrais sonetos assim se expressa o principio do renascimentos:

Avatára (1)

(1) - Encarnação divina, segundo a teologia brâmica; reencarnação.

Numa vida anterior, fui um Sheik macilento
E pobre... Eu galopava, o Albornoz solto ao vento,
Na soalheira candente; e, herói de vida obscura,
Possuía tudo: o espaço, um cavalo e a bravura.

Entre o deserto hostil e o ingrato firmamento,
Sem abrigo, sem paz no coração violento,
Eu namorava, em minha altiva desventura,
As areias na terra e as estrelas na altura.

Às vezes, triste e só, cheio do meu desgosto,
Eu castigava a mão contra o meu próprio rosto
E contra a minha sombra, erguia a lança triste..

Mas o símio do orgulho enfurnava meu peito
E eu galopava livre e voava satisfeito
Da força de ser só, da gloria de ser triste!

*

Já ouviu o leitor amigo falar de Múcio Teixeira extraordinário Barão de Ergonte? Nada direi desse homem que foi prosador insigne, jornalista secundo, belíssimo orador, ilustre dramaturgo, reputado cronista, distinto historiador e um dos mais aplaudidos comediantes. Não arrisque um pensamento relativo a Múcio Teixeira, sem ler primeiramente "Terra Incógnita". Pois, Múcio Teixeira em "Evolução" casa-se perfeitamente com as idéias palingenésicas de Lineu, naturalista sueco, nascido em 1707. E o ilustre sábio da península Escandinava, parodiando os remotos habitantes do Ganges, sentenciava: "O mineral existe, a planta existe e vive, o animal existe, vive e sente, o homem existe, vive, sente e pensa". Ouçamos a tônica predominante em "Evolução"

Morri no mineral, para nascer na planta,
Fui pedra e fui semente:
Brilhei no diamante e no cristal luzente,
E fez em mim seu ninho o pássaro, que canta.

Na planta adormeci e despertei um dia
No animal, que move os músculos e anda;
Percorri apressado uma senda sombria.
Vendo indistintamente uma luz na outra banda:

Do animal passei para as formas do homem,
E sendo homem, estou muito perto do Anjo
Só assim chegarei aos círculos que abranjo
Com a Razão, que ainda as dúvidas consome.

Poderei amanhã flutuar, batendo as asas,
Pela vasta amplidão constelada de céus:
Faísca, que desceu ás cinzas e ás brasas,
Ascenderei mais tarde é eterna luz, que é Deus!

*

Não nós esqueçamos também de M. Roso de Luna. Quem leu seu encantador livro "A pré-história dos meus viveres" não pode furtar-se de fazer coro com esta sua afirmação:

E tornarei sem recordação. E' claro! "A individualidade permanente que reencarna, e a personalidade transitória de cada vida, são diferentes".

A lei da reencarnação torna a Deus absolutamente justo. Tal ensinamento afirma que cada espírito humano inicia a série de suas vidas como simples gérmen, desprovido de discernimento ou consciência, partindo daí para o futuro espiritual, numa ascensão lenta e firme. E o espírito constitui então o viajante do infinito ou o divino viajor que, aos poucos, mercê das experiências que vai colhendo no rio da Vida, desabrocha em si mesmo todas as possibilidades e potencialidades que estão embrionárias, latentes, dentro dos seus próprios "eu". Faz-nos lembrar até em minúsculas proporções, a bolota do carvalho, que limita em si mesma a árvore majestosa, encantadora e utilíssima. Assim como o homem transmuta a areia em vidro, o oxigênio e o hidrogênio em água, e a natureza o carbono em diamante, e a semente em planta, a reencarnação transforma o selvagem em santo, o degenerado em virtuoso, o ignorante em sábio! Nada mais justo! Só assim o ser humano poderá dizer; Eu sou a imortalidade! E a imortalidade é algo que não pode morrer, mesmo que o queira!

Constitui um lamento engano pensar que o espírito volta a Terra unicamente para se redimir de faltas cometidas em outras vidas. E justamente e claro que volta ao Planeta tantas vezes quantas forem necessárias para o seu completo aperfeiçoamento. Não passa duma infantilidade dizer que fulano não voltará mais a matéria por ser "profundamente bom". E indispensável que o homem desenvolva, através das existências sucessivas, todas as qualidades e possibilidades que, potencialmente, em semente, dormem dentro do próprio "eu". A Terra não é presídio, não é calabouço. É oficina de trabalho, laboratório de estudos, ou ainda: escola de aperfeiçoamento, de educação.

O homem não deve abusar do seu livre arbítrio, como não se deve transformar a liberdade social em licença. Para coibir os excessos do seu livre arbítrio a lei de causas e efeitos, que se integra na reencarnação. Para corrigir os abusos da liberdade social as forças legais, a constituição. A diferença está em que a lei da reencarnação é profundamente sábia e justa, e a lei social, sujeita as intempéries e aos caprichos dos homens: não é igual para todos.

XII

A Igreja Primitiva e a Reencarnação

A igreja primitiva não repele absolutamente o ensino reencarnacionista. Os primeiros padres e, entre eles, S. Clemente de Alexandria, S. Jerônimo e Rufino, afirmam que ele era ensinado como verdade tradicional a um certo número de iniciados. Orígenes, considerado por S. Jerônimo como a maior autoridade da Igreja, diz em "De Principiis": "As causas das variedades de condições humanas eram devidas às existências anteriores". - S. Gregório de Níssa é também pela mesma idéia: "que há necessidade de natureza para a alma imortal de ser curada e purificada e que; se ela não o foi em sua vida terrestre, a cura opera-se pelas vidas futuras e subseqüentes".

Não é só: um bispo francês, Monsenhor de Montal, falou publicamente da realidade das vidas sucessivas em uma pastoral, publicada em 1842. Giuseppe Mazzini, apostrofando os bispos em sua admirável obra "Dal Concílio a Dio" assegura:

"Cremos numa série indefinida de reencarnações da alma, de vida em vida, de mundo em mundo, cada uma das quais constitui um progresso em relação á vida precedente. Podemos recomeçar o estádio percorrido, quando não merecemos passar a um grau superior; mas não podemos retrogradar, nem perecer espiritualmente".

Muito longe iríamos, se quiséssemos citar tudo quanto respeita ás idéias da pluralidade das existências disseminadas pelo pensamento humano.

XIII

Na França

Volvamos á França. Não a França moderna que enriqueceu a mente e o coração humanos, ofertando á humanidade caracteres de escol, como Kardec, Denis, Delanne, Flammarion, Victor Hugo e muitos outros. Façamos um vô retrogradativo no percurso do tempo, remontando á história da gloriosa nação européia. Falemos dos Druidas e Gauleses, dessa brava gente, cujo símbolo é o heróico Vercingétorix, que travou luta titânica com Júlio César. Demos, por especial condição, a palavra ao professor Arbois Jubainville, do "Collège de France".

"Nos combates contra os Romanos, os Druidas ficavam imóveis, como estatuas, recebendo feridas sem fugir e sem se defenderem. Sabiam que eram imortais e contavam achar em outra parte do mundo um corpo novo e sempre jovem".

Vamos agora deixar em paz os Gauleses, depois de fazer vibrar, nos esplendores da nossa civilização, um trecho dos cantos dos bardos, sussurrado pelas brisas sob a abobada grandiosa dos carvalhos ou sobre as puídas penedias batidas pelas tempestades:

"Existindo desde toda a antiguidade, não nasci de um pai, nem de uma mãe, mas das formas elementares da Natureza, e dos ramos da bétula, do fundo das florestas, das flores das montanhas. Brinquei á noite, dormi pela aurora; fui víbora no lago, água nas nuvens, lince nas selvas! Depois, eleito pelo Espírito Divino, adquiri a imortalidade.

Bastante tempo decorreu e depois fui pastor. Vaguei longamente sobre a Terra, antes de me torrear hábil na ciência. Enfim, brilhei entre os chefes superiores. Revestido dos hábitos sagrados, empunhei a taça das sacrifícios. Vivi em cem mundos, agitei-me em cem círculos". - (Barddas cad Goddeu).

*

Como explicará o religioso anti reencarnacionista este paradoxo: um indivíduo, no limitadíssimo espaço duma existência, cometeu crimes; segundo a doutrina anti reencarnacionistas, o criminoso será condenado as

penas eternas. Que relação de justiça pode haver entre um mal que se praticou num segundo (que é a existência humana ao pé da eternidade) e a condenação perpétua, ab aeterno?! Um pai humano, logo, deficiente e imperfeito, jamais atiraria a um seu filho ao sofrimento eterno. Como admitir que o Pai de toda a humanidade castigue os seus filhos com tal pena, quando Ele ao criá-lo já sabia (pois, Deus é a Sabedoria perfeita) que as criaturas eram fracas e ignorantes? – Efetivamente, qualquer seita anti reencarnacionistas é um verdadeiro atentado á moral divina!

Admitimos que viemos da perfeição inconsciente e caminhamos para a perfeição consciente. E entre esses dois pontos que marcam os extremos da nossa evolução espiritual, desenrola-se a série inumerável das nossos existências sucessivas. Sabemos que o espírito, desligando do seu invólucro material, readquire a memória do seu passado e lança a vista para a estrada percorrida; como o viajante, ao galgar os primeiros degraus da montanha, contempla as rochas, os vales e as planícies, que percorreu. Depois, reanima-se, procura melhorar-se, retificar seu falso juízo, e prossegue sua jornada ascendente, certo de que ele é o bandeirante do Infinito, candidato á realização das mais encantadoras possibilidades que, em semente, dormem no recesso do seu próprio "ego" imortal. E então será bem mais feliz, porque sente que na molécula solta no éter ou no frontispícios dos astros que plainam no infinito, está gravada esta legenda grandiosa de que nos fala Maeterlinck: para a frente e para o alto!

*

Na Palestina, nas faldas do monte Hermón, ao norte do mar da Galileia, ainda existem espalhadas as ruínas duma antiga cidade, que se denominara Caesarea Philippi. Um dia, ao entrar num dos seus arrabaldes, segundo nós conta o Novo Testamento, o Rabi da Galileia fez ao seus discípulos uma pergunta tão expressiva, quão profunda: "Que dizem as multidões a respeito de quem sou eu?". Seus discípulos, parece, compreenderam o significado da interrogação, e um deles respondeu que "conforme alguns, Jesus era João, o Baptista, que havia voltado", porque João havia sido decapitado algum tempo antes. Um outro dissera que "o julgavam uma reencarnação de Elias ou de Jeremias", ambos mortos a alguns séculos antes. Em resumo: espalhava-se que "na pessoa de Jesus se havia levantado um dos antigos profetas". A verdade é que o Mestre não negou de nenhum

modo a verdade da reencarnação, e até afirma-a naquela sua expressão tão conhecida e tão pouco entendida: "Porém, eu vós digo que Elias já veio e que eles não o reconheceram, mas que fizeram com ele tudo o que quiseram". Então, os discípulos compreenderam que o meigo Nazareno lhes falava de João, o Baptista.

*

Que pode o homem realizar em uma existência apenas? nem sequer educar-se satisfatoriamente em virtude de mil dificuldades tão nossas conhecidas; morre insatisfeito, agoniado, porque conhece e sente, especialmente, que quanto mais vive, tão mais se aprende, e ele nada aprendeu em sua existência tão breve, resumida a vinte anos de atividade: quinze, entre a primeira e a segunda infância; mais quinze atravessa dormindo, para recuperar as forças e repousar o corpo. Que são cinqüenta anos, tempo que se destende, em média, do berço ao túmulo, comparados á história da civilização, da formação da Terra ou do sistema solar? - Que desapontamento para nós viverem as arvores e os jardins, que plantamos, os templos é as cidades, que construimos, muito mais tempo do que nós! seria a derrota da inteligência, morte do espírito!

Como seria incompleta a vida do selvagem, quem não desabrocharam os sentimentos humanitários e muito menos as vocações artísticas! Como justificar a brevíssima vida da criança, que falece em tenra idade? o recém-nascido, verbi gratia, que dura apenas momentos, em que condições ficaria? nas mesmas das almas criadas por Deus e que nunca tomaram corpo cá na Terra? - Para onde se destinariam as populações indígenas, índios da Serra Nevada e dócos da Abissínia, tarungaros da Papuasias e vedas do Ceilão, latoucos da África e caetés do Brasil, que se sucederam, gerações sobre gerações, sem nunca ouvirem música melhor do que as produzidas por maracás, erubias, torés, ou estertores de vitimas, ou cuja educação apenas se orientou pelos gritos de guerra, pelo silvar das fechas, pelo soar do tacape, ou pelo uivar sinistro das hordas exterminadoras?! - Qual a culpa dos criminosos, degenerados e devassos, que, em virtude de circunstâncias especialíssimas, não tiveram quem lhes plantasse no coração a sementeira do Amor e da Justiça? e qual o destino da humanidade que antecedeu aos grandiosos ensinamentos de Cristo, de Buda, de Platão, de Hermes Trismegisto, de Zoroastro, de Krishna e de

outros mestres de povos? - Que dizer das gentes que habitaram a submersa Atlântida? e dos seres humanos que, segundo a ciência, surgiram á face do nosso planeta: mais de 200.000 anos, em fins da era terciária ou começos da quaternária?...

A imortalidade, sem se alicerçar na pluralidade das existências, será incompleta, incompressível. Somente a Reencarnação é que dá resposta satisfatória e sabida a todas estas indagações a outras que o pensamento humano formular. Responde a todas as perguntas, sem fugir ás exigências da Geologia, da Antropologia e da Cosmografia.

XIV

O Estado e um Comentário Reencarnacionista

No "Estado de São Paulo" do dia 24-5-1936, Sr. Plínio Barreto narra um acontecimento reencarnacionista, muito interessante, de que extraordinário o tópico seguinte:

"Meditávamos há dias sobre essas extravagâncias, quando, em um jornal francês, deparamos com a noticia de que em Deli, na Índia, existe uma menina de 9 anos com a singularidade de se recordar perfeitamente de uma vida anterior. Pelas declarações que fez, havia ela residido, antes de morrer, em um determinado lugar e fora casada com um rapaz, do qual teve um filho. Reunidos os parentes e médicos, foram todos seguindo as suas indicações, ao sitio onde ela afirmava que residira e onde, sob o nome de Lugdi, tivera o seu lar. Verificaram todos, estupefatos, que as indicações eram verdadeiras: O sitio se apresentava as característicos assinalados e o homem, que fora seu marido, lá se achava... Esse homem confirmou que, de fato, havia sido casado com uma rapariga de nome Lugdi, falecida em 1925, e com ela tivera um filho. Impressionado com tantas coincidências, os medico pediram o auxilio de alguns sábios, especialmente em coisas de ocultismo, e entraram a estudar o estranho caso".

E o sr. Plínio Barreto, brilhante jornalista, autor do referido artigo, que nunca teve e nada tem de reencarnacionista, fica apenas temendo que as recordações das vidas anteriores venham abalar a estrutura jurídica da moderna organização social. Acalme -se o ilustre advogado. Os homens não se lembrarão das suas pretéritas existências.

Recordar-se-ão somente quando seu grau de evolução estiver tão sublimado, a ponto de os porem inteiramente a salvo dos vendavais do egoísmo, da inveja, vingança e da vaidade, que ainda agitam, tempestivamente, os seus próprios corações. - O esquecimento das vidas anteriores é uma necessidade de absoluta, pois que faz parte do plano evolutivo. Sem tal velario, que nos oculta o passado, nossa atual existência seria profundamente perturbada, os homens não teriam coragem suficiente para arrostar as lutas por que vão passando. O conhecimento dos fatos da ultima existência implicaria logicamente na consciência dos

acontecimentos, que se produziriam, como conseqüências dos referidos fatos. A incógnita do futuro é concomitante ao esquecimento do passado.

A cada nascimento na Terra corresponde a uma morte no espaço. A cada morte no campo terrestre um nascimento no plano espiritual. Quando uma vida, á semelhança duma tampada, se apaga no plano físico, outra se acende no mundo dos espíritos.

XV

Provas Científicas da Pluralidade das Existências

Por meio de operações magnéticas aplicadas aos sensitivos é possível trazer ao presente, progressivamente, épocas e fatos anteriores á sua vida atual. Tais experiências têm sido feitas com notável êxito por Albert de Rochas, Th. Flournoy, Fernandez Colavida, P. Janet, A. Bouvier e outros magnetizadores e psiquistas. O trabalho de regressão da memória é, atualmente, uma das mais interessantes e importantes investigações Científicas. Não nós vamos ocupar demasiadamente deste assunto, embora seja ele de grande fertilidade e tenha oferecido campo a larga celeuma.

O conde Albert de Rochas era coronel de Engenharia e secretário da Escola Politécnica de Paris, quando produziu obras magníficas relativas á ciências psíquicas: "Forças não definidas", "Exteriorização da sensibilidade", "As vidas sucessivas" e outras. - Ocupando-se deste conhecido magnetizador, então absolutamente alheio á doutrina espírita, o doutor Brasílio Marcondes Machado, ilustre psiquiatra paulista, cita-o em sua admirável tese: "Contribuição ao estudo de Psiquiatria", brilhantemente defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 29-12-1932, ao referir-se ás leis da preexistência. E assim é que no valioso e sereno trabalho do esclarecido facultativo depara-se-nos uma das diversas investigações operadas e descritas pelo próprio doutor Rochas, As experiências em questão se realizaram em Aix-en-provence e foram amplamente divulgadas nos "Annales des sciences psychiques" de Julho de 1905 - As sessões mais importantes, registradas em atas, efetuaram-se entre Dezembro de 1904 e Janeiro de 1905. - Com outras palavras, podemos dizer que é um trabalho de desdobramento da personalidade, o que aliás, foi conseguido várias vezes pelos experimentadores acima citados e, especialmente, pelo cel. Rochas.

*

O sujeito era uma jovem de 18 anos, de boa saúde que nunca ouvira falar em magnetismo ou em espiritismo, cujo nome é Maria de Mayo. O primeiro trabalho tem por finalidade a renovação das recordações da vida atual.

Imersa em hipnose, pela vontade poderosa do magnetizador, que transmite á paciente passes transversais, Maria de Mayo retrocede gradativamente até sua tenra infância, manifestando com admirável naturalidade as variações características dessa idade, até atingir os primeiros anos, prosseguem as sessões experimentais e o Dr. Rochas consegue que a hipnotizada, afastando-se retroativamente, se vá recordando e exteriorizando todas as fases por que passou. Ao remontar o curso dos anos, chega muito longe, relatando suas três existências anteriores, bem como os intervalos que as separam entre um nascer e um morrer. E assim o "médium" descreve, sucessivamente, as encarnações em que fora, retrogradativa e respectivamente, Lina, Carlos Mauville e Magdalena de San Marco. - Descrevamos, em largas e rápidas pinceladas, o resultado destas investigações, iniciando da terceira existência anterior para a presente, afim de que a descrição se torne mais compreensível, embora pratiquemos em sentido contrario ao método empregado pela cel. Rochas

Sessão de 31-12-1904; chama-se Magdalena de San Marco; conhece e descreve mademoiselle:

La Vallière e madame de Montepan. Estabelece-se o seguinte dialogo:

"- Diz-se que o rei desposou secretamente a madame de Manteinon?

- Qual. E simplesmente amante dele.

- E qual sua opinião a respeito do rei?

- E um orgulhoso.

- Conhece Searon?

- Santo Deus! que feio ele é!

- Viu representar Moliere?

- Vi, mas não gosto muito dele.

- Conhece Corneile?

- E' um selvagem.

- E Racine?

- Conheço principalmente as suas obras e tenho-as em grande conta".

*

Sob a influência dos passes transversais, a paciente narra outros pormenores da corte de Luiz XIV, e de sua própria vida. Confessa-se egoísta e ciumenta. Tem ciúmes, particularmente, das mulheres bonitas. Deixa a corte, aos 45 anos e é atacada de tuberculose. Aproxima-se o momento da

tosse convulsamente, sacudindo-se toda. Depois, tudo escuro, e as coisas se vão clareando muito devagar. -

O magnetizador ativa os passes; Maria de Mayo passa a ser:

Carlos Mauville. Sessão de 30-12-1904. E' um rapaz empregado no comercio (o "médium" toma as atitudes perfeitas dum moço muito desembaraçado; deixa que o abracem). Luta-se em Paris; muitos combates nas ruas; ele mesmo matou muita gente; tem prazer de ser mau. A guilhotina trabalha incessantemente. Tem agora 50 anos e está bastante doente. A tísica o persegue, como loba esfaimada. Descreve a doença que o mata; parece passar pelos sintomas característicos das moléstias de peito: opressão, falta de ar, acessos penosos de tosse. Morre. Segue o próprio enterro e ouve dizerem amiúde: Foi um estróina! Não passou dum pobre diabo! - Sente-se infeliz e sofre em a nova vida astral. - O Dr. Rochas apressa os passes e a paciente entra na penúltima encarnação, manifestando-se com o nome de:

Lina. Sessão de 29-12-1904. Vem a descrição dos tópicos desta existência, caracterizados expressivamente pelas posturas externadas pelo "sujet". Vê-se menina e depois donzela. Casa-se aos 18 anos e vem a ser mãe. Neste momento o Dr. Rochas e outros investigadores assistem a uma cena de parto de um realismo surpreendente: a paciente revolve-se na cadeira, o rosto contrai-se etc. O coronel manda que atravesse essa fase com rapidez. Tem agora 22 anos. Perdeu o marido. Morreu o filhinho. Desesperada, afoga-se. O "médium" revive os momentos do suicídio: os movimentos respiratórios precipitam-se; o peito levanta-se com irregularidade; deglute aflitivamente, "Como se na realidade estivesse engolindo água. E' tal sua angustia, que o Dr. Rochas apressa os passes, ordenando-lhe que envelheça mais algumas horas: A paciente (Lina) declara que se debateu por muito tempo, numa total escuridão. Em seguida passa a ser Maria de Mayo e chega progressivamente aos 18 anos. O cel. Rochas, então, desperta-a completamente.

*

Cedamos, para encerrar esta parte, a palavra ao Dr. Albert Rochas, que dirá algo respeitante ás próprias investigações:

"Essas sugestões não vêm certamente de mim, que não somente evitei tudo o que podia pôr o sujet em um caminho determinado, mas que

procurei muitas vezes debalde transviá-lo com sugestões diferentes; o mesmo sucedeu com outros experimentadores, que se entregaram a esse estudo.

Consultados os Invisíveis a tal respeito por via medianímica, responderam: - Quando o "sujet" não está suficiente livre para ler em si mesmo a história do seu passado, podemos então proceder por quadros sucessivos, que reproduzem á sua vista as suas próprias existências. São, nesse caso, realmente: visões e é por isso que nem sempre podem ser exatas. Em certos casos, pois, os pacientes não revivem suas vidas. Comunicamos-lhes do alto as informações que eles dão aos experimentadores e lhes sugerimos que sofram os efeitos das circunstâncias que descrevem.

Podemos iniciar-vos no vosso passado sem contudo, precisarmos as datas e os lugares. Não esqueçais que, livres das convenções terrestres, deixa para nós de haver tempo e espaço. Vivendo fora desses limites, cometemos facilmente erros em tudo o que lhes diz respeito. Consideramos tudo isso como, coisas mínimas e preferimos falar-vos dos vossos atos bons ou maus e de suas conseqüências. Se algumas datas, se alguns nomes não se encontrarem em vossos arquivos, a conclusão para nós que é tudo falso. Erro profundo do vosso julgamento. Grandes são as dificuldades para dar-vos conhecimentos tão exatos como exigis; mas, crede-nos, não vós fatigueis em vossa investigações. Não há estudo mais nobre do que este.

*

Grande seria o número de fatos, ligados a esta natureza de investigações, que poderíamos evocar em defesa dos nossos princípios reencarnacionista. Vamos, todavia, contentar-nos com o relato de mais dois, que achamos muito expressivos:

"O príncipe Adam Wiszniewski, rua do Débarcadére, 7, em Paris, comunica-nos a relação que se segue, feita pelas próprias testemunhas, algumas das quais vivem ainda e que só consentiram em ser designadas por iniciais:

O príncipe Galitzin, o marques de B., o conde de R., estavam reunidos, no verão de 1862, nas águas de Hamburgo. Uma noite, depois de terem jantado muito tarde, passeavam no parque do Casino e ai avistaram uma

pobre deitada num banco. Depois de se chegarem a ela e interrogarem-na, convidaram-na a vir cear no hotel. O príncipe Galitzin, que era magnetizador, depois que ela ceou, o que fez com grande apetite, teve a idéia de magnetizá-la. Conseguiu-o á custa de grande número de passes. Qual não foi a admiração das pessoa presentes, quando, profundamente adormecida, aquela que, em vigília, exprimia-se num arrevesado dialeto alemão, pôs-se a falar muito corretamente em francês, contando que reencarnara na pobreza por castigo, em conseqüência de haver cometido um crime na sua vida precedente, século 18. Habitava então um castelo na Bretanha, a beira-mar. Por causa dum amante quis livrar-se do marido e despenhou-o no mar, do alto de um rochedo; indicou o lugar do crime com grande exatidão.

Graças ás suas indicações, o príncipe Galitzin e o marques de B. puderam, mais tarde, dirigir-se á Bretanha, ás Costas do Norte, separadamente, e entregar-se a dois inquéritos, cujos resultados foram idênticos.

Havendo interrogado grande número de pessoas, não puderam, a principio, colher informação alguma. Afinal, encontraram uns camponeses já velhos que se lembravam de ter ouvido os pais contarem a história de uma jovem e bela castelã que assassinara o marido, mandando-o atirar ao mar. Tudo ó que a pobre de Hamburgo havia dito no estado de sonambulismo, foi reconhecido exata.

O príncipe Galitzin, regressando da França e passando por Hamburgo, interrogou o comissário de policia a respeito dessa mulher. Este funcionário declarou-lhe que ela; era inteiramente falta de instrução, falava um vulgar dialeto da Alemanha e vivia apenas de mesquinhos recursos como mulher de soldados". (O Problema do ser, do destino e da dor" - Leon Denis).

*

O Dr. Gaston Durville, no "Psychic Magazine" de Janeiro de 1914, conta um caso curioso de renovação das lembranças em estado de vigília.

"Mme. Laura Raynaud, conhecida em Paris por suas curas por meio do magnetismo, afirmava desde muito, que se recordava de uma vida passada em um lugar que ela descrevia e que declarava iria encontrar um dia. Afirmava, ainda, ter vivido em condições nitidamente determinadas (sexo,

condição social, nacionalidade etc.) e haver desencarnado, havia um certo número de anos, em consequência, de tal moléstia.

Mme. Raynaud, em viagem á Itália, em Março de 1913, reconheceu o país em que tinha vivido. Percorreu os arredores de Genova e encontrou uma habitação como tinha descrito. Graças ao concurso de M. Calure, um psiquista erudito de Genova, encontramos, diz o doutor, nos registros da paróquia de S. Francisco de Albaro, um registro de óbito que foi o de Mme. Raynaud nº 1.

Todas as declarações por ela feitas, muitos anos antas, (sexo, condição social, nacionalidade, idade e causa da morte) foram confirmadas. - Um "sujet" do Dr. Durville, em estado de sonambulismo lúcido, revelou curiosos pormenores sobre a sepultura da citada senhora.

XVI

A Morte da Morte

Não a matéria morta, e a morte, no sentido comum em que a tomam, não existe. Tudo se transforma. O que é maior ou menor intensidade de vibração molecular. Luz e sombra, água e o fogo sólido e gasoso não são mais do que estados diferentes de vibração dos átomos. - Um corpo volta a terra. Entra logo em decomposição e as células libertas, desassociem-se, e vão voltar aos seus princípios constituintes.

Deitemos á terra um cadáver. Cinqüenta anos depois, nem mais os ossos encontraremos. Que foi feito do corpo inumado? A ciência nos ensina que nada se perdeu. Os elementos associados do corpo desagregaram-se e os átomos de oxigênio, azoto, água, ferro, carbono, hidrogênio, etc. foram ressurgir em outras formas animais ou vegetais, cantando sempre a imortalidade da vida. E assim sendo, o mesmo átomo que contribuiu para integrar a envergadura dum herói ou de um monarca, pode amanhã estar vibrando na lama, que corre pelas regueiras da rua. E os elementos atômicos, que fermentam num monturo pútrido, poderão cantar, pouco tempo mais tarde, as glórias da imortalidade no físico duma jovem formosa ou nas pétalas acetinadas duma linda flor!

Pensem agora na graciosa lenda do dia do Juízo Final. Que tremendo transtorno, que trágica confusão, quando soarem as trombetas no Vale de Josafá! As almas andarão, transloucadamente, catando as partículas dos seus corpos na água, no fogo, na terra, no mineral, no vegetal, no animal e no próprio homem!

Duma coisa, todavia, tenhamos nós certeza a ignorância é a causa de todos os males e ela jamais salvará a alguém. - A maior parte da humanidade tem a cabeça como adorno do corpo, e recusa-se a raciocinar por estranho comodismo: digere com o próprio estomago, mas pensa com o cérebro alheio.

Quando, na pira do Tempo, a Evolução queimar as grilhetas do medo, o Homem se libertará da escravidão mental, á semelhança da crisálida que rompe o casulo prisão e ganha os espaços banhados de luz, livrando-se no arco-íris das suas rutilâncias asas!

A Reencarnação tem como corolário a Evolução. E a única senda que conduz o homem á Sabedoria, á Felicidade. Torna o indivíduo ciente de que eleva pelas próprias obras, quando orientadas no sentido de aliviar os sofrimentos da Humanidade, promanados da própria ignorância. A certeza da pluralidade das existências educa ao espírito humano, fazendo-o assimilar e praticar o grande ensinamento: faze aos outros o que queres te façam. Desperta sentimentos nobres, humanitários, que nos distanciam da animalidade. - Quem estiver intimamente enfronhado da idéia reencarnacionista pairará sempre, natural e espontaneamente, acima das ingratidões, motejos e injurias, desses mesmos a quem quer ajudar.

O reencarnacionista jamais deverá ser um fraco: Deverá entender nitidamente que o campo batalha existe para os pelejadores. Deve despertar em si tal confiança, que o ponha a salvo do medo de contacto com os homens menos evoluídos, que se arrastam pelas sarjetas dos vícios ou pela regueira dos crimes. Para este caso, o exemplo edificante do Sol: luz nas flores e nos charcos, ilumina reis e leprosos, vivifica a água e o réptil, visita os santuários e os prostíbulos, acende rutilâncias nas coroas imperiais e nos monturos pútridos... e não se contamina, não peca, não se degenera!

Ensina-nos a palingenesia, que para realizar a Deus e ao seu imenso Amor, não é necessário procurá-los num determinado ponto, nem viver numa região etérea de beatitude, querubins e músicas dolentes, espécie de céu entorpecente e improdutivo. Podemos e devemos realizar a obra divina aqui mesmo, lutando, trabalhando, amando. De que vale a santidade recolhida e temerosa dos que se põem ás margens do rio da vida, quando é na luta, que se exercitam os músculos e se desenvolvem as capacidades?! Não é o muito assistir ás competições olímpicas que nos transforma em atletas. Para sermos bons nadadores, temos que enfrentar as correntezas, as ondas, as profundidades!...

A Reencarnação, abrindo novos horizontes rasgando outros rumos, não é um incentivo para as orações intermináveis, para os suspiros de desalentos, e nem um convite a que o homem se torne visionário, sonhando com o romance do próprio passado ou fascinando-se com os encantos do futuro. E' a voz da Vida Infinita que, serena, brada, carinhosa e enérgica: a vida é o momento que passa, indefinidamente; não vencerás no "Além" (nesse futuro que, á proporção que se aproxima, se vai convertendo em

presente), enquanto não triunfar aqui e agora, neste mesmo ambiente onde a tua própria evolução te colocou! Na imensidade dos milênios decorridos viveste centenas e centenas de personalidades, como agora vives mais uma. Viverás outras ainda, com novos aspectos exteriores, novos nomes, mas tu, espírito, viajante do infinito, nunca fenecerás porque, sendo individualidade, és a própria imortalidade!

E a Evolução que desperta no homem novas forças, animando-o: ergue-te ser imortal! Lembra-te que ao seu lado, na realização da Justiça e da Verdade, caminham os teus irmãos mais velhos, os espíritos superiores, que existiram em todos os tempos, em que vem florescendo a raça humana! Quando olhares em torno de ti, m meio a batalha, não te surpreenderás, se os teus "amigos" te abandonaram! Caminha sempre! Estuda, esforça-se e jamais vaciles, porque os paladinos espirituais do bem estarão sempre ao teu lado e porque a tua vitória será também o seu triunfo!

E a Reencarnação que finaliza, corroborando as idéias acima: Humano! que queres tu mais? cessa agora de chorar, de lamuriar, e atira-te á luta pelo Bem da tua mãe, que é a Humanidade! - Deus já te concedeu em excesso, destruindo aos teus olhos o espectro da Morte, e tu ainda pedes! não realizaste uma centésima parte da soberba lição que te foi ministrada! animo! para a frente e para o alto, e quebra essas muletas de pedinte a que te agarras, prejudicando tua própria Evolução! Lembra-te: o Amor e a Coragem são as qualidades essências na estrada da tua Evolução!

São Paulo, Junho de 1936.



Autores Espíritas Clássicos